

THIAGO A N MELO

Semiótica Material
na Arte e Educação

Brasília

2021

THIAGO A N MELO

Semiótica Material na Arte e Educação

Trabalho de conclusão de curso de Artes Visuais,
habilitação em licenciatura, do Departamento de
Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade
de Brasília. Orientador(a): Prof(a) Dr(a) Cayo
Honorato

Brasília

2021

Semiótica Material na Arte e Educação

Banca examinadora


Professor Doutor Cayo Vinicius Honorato da Silva



Professora Doutora Rosana Andréa Costa de Castro



Professora Mestra Daniela Carvalho de Avellar



Brasília

2021

Sou grato a todos os cruzamentos que fizeram parte desta pesquisa.
Em especial, agradeço ao meu orientador, Cayo, por me apresentar
grande parte do universo aqui explorado.

*Even trees understand me! Good heavens, I lie
under them, too, don't I? I'm just like a pile of leaves.*

Frank O'Hara

Índice

Introdução 7

Parte 1: Semiótica Material

Teoria Ator-Rede E Educação 10

Intersubjetividade x Interobjetividade 14

Autopoiesis x Sympoiesis 18

Parte 2: Interobjetividade e Simpoiese em propostas de Jorge Menna Barreto

Jorge Menna Barreto 26

Sucos Específicos 29

Restauração 32

Mauvais Alphabet 37

Considerações Finais 41

Bibliografia 43

Lista de imagens

Fig 1. Imagem da internet. Figuras de cordas ou Cama de gato.....	26
Fig 2. Jorgge Menna Barreto. Captura de paisagem sonora do projeto <i>Restauero</i>	29
Fig 3. Ilha de Anhatomirim, Florianópolis.....	31
Fig 4. Jorgge Menna Barreto, <i>Sucos Específicos</i> , 2014.....	32
Fig 5. Jorgge Menna Barreto, <i>Restauero</i> , 2016.....	34
Fig 6. Jorgge Menna Barreto, <i>Restauero</i> , 2016.....	34
Fig 7. Montagem dos pratos (<i>Pote Paisagem</i>), <i>Restauero</i> , 2016.....	36
Fig. 8 Jorgge Menna Barreto, <i>Pote Paisagem</i> , <i>Restauero</i> , 2016.....	37
Fig. 9 Jorgge Menna Barreto, <i>Restauero</i> , 2016.....	38
Fig. 10 Jorgge Menna Barreto, <i>Restauero</i> , 2016.....	38
Fig. 11 Jorgge Menna Barreto, <i>Mauvais Alphabet</i> , 2019.....	41
Fig. 12 Jorgge Menna Barreto, <i>Mauvais Alphabet</i> , 2019.....	41
Fig. 13 Jorgge Menna Barreto, <i>Mauvais Alphabet Liverpool</i> , 2021.....	41

Introdução

Alguns autores, estes que integram o que vem sendo chamado de Virada Ontológica nas ciências sociais, têm questionado os valores modernos ocidentais a partir de revisões de ontologias formadas ao longo da história da metafísica. Concepções eurocêntricas, como as de Natureza e Cultura, marcadas por uma divisão cerrada que busca distanciar o ser humano da natureza, se esbarram com uma forte crítica ao Antropoceno, quando estes termos passam a se dispor sobre um mesmo plano ontológico. Esses autores reconhecem a agência de elementos não humanos entre relações humanas, assim como entre relações de elementos somente não humanos, situando a experiência humana em redes de múltiplas interações que ultrapassam nossos limites e consciência.

Este é o caso de Anna Tsing, Bruno Latour, Donna Haraway e John Law, que compõem o corpo deste trabalho. Suas pesquisas recusam a ideia de uma única estrutura social, por reconhecerem a existência de múltiplas realidades entre tecidos sociais heterogêneos, formados por elementos humanos e não humanos diversos, que se cruzam, ou mesmo se associam reiteradamente. Mas não como muitas perspectivas ou visões de mundo subjetivas sobre uma verdade factual, e sim como realidades objetivas e distintas, que convivem e, continuamente, se encontram. Esses encontros produzem emaranhamentos que desafiam categorias disciplinares do conhecimento e cruzam áreas como filosofia, ciências sociais, arte e biologia, que nesse processo são provocadas por perspectivas transdisciplinares. O conjunto de teorias e conceitos que lida com essa complexa trama social é abrangido pelo termo *Semiótica Material* — conforme será abordado no desenvolvimento dessa pesquisa —, que compreende a agência de elementos não humanos através de suas características relacionais, capazes de produzirem sentidos e alterarem configurações físicas sobre as relações em rede.

Em contrapartida, a Educação, como disciplina, tem seus paradigmas atrelados às condições subjetivas do ser, absorvendo as interações com objetos e elementos não humanos, no geral, como mediações semióticas para o desenvolvimento humano cognitivo e subjetivo, mas sem necessariamente identificar a agência desses elementos. Os processos reconhecidos de aprendizagem são pautados na subjetividade e em *nossa* atividade biológica, como observaremos nas contribuições de Maturana e Varela para a educação. No entanto, a aproximação de teorias reconhecidas pela educação com a *Semiótica Material*, proposta nesta

pesquisa a partir da semelhança entre certos vocábulos, cria pontos de intersecção entre os dois universos, humano e não humano, formando tensões epistemológicas entre as dimensões subjetivas e objetivas. É em busca de aproximações e possíveis contribuições para a educação que relacionamos os conceitos de intersubjetividade e interobjetividade, bem como os de autopoiesis e sympoiesis. Com isso, relacionamos conceitos estabelecidos na área educacional com propostas de reflexão epistemológica sobre as interações sociais, decorrentes daquela Virada Ontológica.

Esta monografia se divide em duas partes. Na primeira, a Semiótica Material é apresentada por meio de uma discussão sobre a Teoria Ator-Rede e, particularmente, de estudos que a relacionam com a Educação. Enquanto não se encontram resultados que abranjam a Semiótica Material, como um todo, de maneira relacionada à educação, a Teoria Ator-Rede cria uma abertura para o assunto, revelando um volume considerável de estudos que utilizam seus métodos em ambientes educacionais — ainda que a relação com a arte seja quase inexistente nesses estudos. É pela Teoria Ator-Rede que encontramos o conceito de “interobjetividade”, que, a princípio, parece ser o completo oposto de “intersubjetividade”, conceito explorado com frequência na área educacional. Do mesmo modo, vemos uma relação de oposição, a princípio, entre a “autopoiesis” de Maturana e Varela e a “sympoiesis”, de Donna Haraway. É através do conceito de Haraway que encontramos os *Science Art Worldings*, que se referem a experimentos colaborativos envolvendo arte, ciência e educação comprometidos com a regeneração de seres e lugares ameaçados.

Na segunda parte, usamos a definição de *Science Art Worldings* para explorar as propostas educativas de trabalhos de Jorge Menna Barreto, que articulam relações ecológicas mediadas pela comida e por plantas diversas. Os trabalhos do artista são exemplos de aplicação dos conceitos de interobjetividade e sympoiesis na arte e educação, pois consideram as interações entre não humanos substanciais para a fruição do trabalho. O artista faz com que os participantes voltem os seus sentidos para as relações articuladas entre os elementos dos trabalhos. Pela alimentação, ou mesmo procurando ervas daninhas na rua, esses participantes lidam diretamente com a linguagem da natureza, com as formas pelas quais seres não humanos representam o mundo, situando-se nas interações educativas entre elementos não humanos, em uma troca semiótica e, ao mesmo tempo, material.

Parte 1

Semiótica Material

Teoria Ator-Rede E Educação.

A teoria ator-rede, abreviada para TAR ou ANT¹, em inglês, propõe uma teoria social alternativa ao não compreender o “social” como uma disciplina ou matéria já estabelecida, mas como a “formação”, em sentido performativo, de uma rede de conexões entre elementos humanos e não humanos, considerados não sociais em si mesmos. Na ANT, não se estuda grupos já definidos ou identificados *a priori*, mas se reagrega os rastros deixados por associações feitas em suas formações (e desmanches), sendo essa a primeira de uma série de incertezas² lançadas por essa perspectiva sobre conceitos e métodos até então estabilizados pela sociologia tradicional (LATOURE, 2005).

Enquanto a sociologia tradicional tem estabilizada a noção do “social” pela compreensão de um domínio seguro e específico, a Teoria Ator-Rede, segundo Bruno Latour (2005), um dos principais autores da teoria, trata-se de dessubstanciá-lo. Para isso, retoma-se sua definição etimológica. Latour (2005, p. 6) explica que, no latim, *socius* indica “companhia” ou “associação”, e a raiz *sequi* tem como significado “seguir”. Dessa forma, a ANT se atenta ao rastreamento das associações dos atores, compreendendo o social a partir da construção da rede a ser analisada. Seu interesse, portanto, reside no movimento de agregação de elementos e na auto-identificação dos grupos, sendo, por isso, também chamada de Sociologia das Associações, ou Sociologia da Tradução.

A principal crítica da ANT feita à sociologia tradicional é que a força de seus métodos e teorias pode, injustamente, interromper as ações que vão se enredando no social, impedindo que os grupos se definam por eles mesmos. Na ANT os atores são identificados a partir das associações observadas, ou ainda, dos seres e elementos que atuam na sua formação, reconhecendo a participação e agência de elementos humanos e de não humanos nas interações sociais. Nesse processo, ambos podem ser intermediários ou mediadores, com uma diferença que deve ser notada: intermediários são os que apenas compõem a rede, dando

¹ ANT, de *Actor-Network Theory*, também é a palavra em inglês para formiga, pela qual Bruno Latour (2005, p.9) estabelece uma relação conceitual com a teoria. Pela pequenez do inseto, que não pode recorrer a uma visão macroscópica de seu ambiente, mas ao trabalho coletivo, no ato de farejar e seguir trilhas. Por essa razão, usaremos, também, a sigla em inglês neste trabalho.

²Bruno Latour (2005) enumera cinco fontes de incerteza sobre grandes intuições da sociologia tradicional a fim de formar uma cartografia de controvérsias, roteiro para o rastreamento de atores proposto como uma metodologia para a ANT. São elas: a natureza dos grupos; a natureza das ações; a natureza dos objetos; a natureza dos fatos; a escrita de relatos. Ver *Reagregando o Social: Uma Introdução à Teoria Ator-Rede*.

continuidade para a formação do grupo; já os mediadores transformam as relações, podendo redefini-las, reassociá-las ou desassociá-las, sendo mais relevantes para a observação.

As associações formadas entre os atores podem ser entendidas como traduções. Latour (2005) define como tradução a conexão que transporta transformações entre os atores. São essas transformações que permitem a coexistência dos atores mediadores da rede, segundo o autor. Ao contrário da sociologia tradicional, em que se pode recorrer a “explicações sociais”, seguindo uma lógica de causalidade simples entre os eventos observados, a sociologia da tradução busca compreender o social posteriormente, através da rede formada pelas traduções. Isto é, pelas relações que se fazem entre agentes mediadores, essas que geram os rastros de suas associações. Bruno Latour (Ibid., p. 42, tradução nossa³) afirma que “nós precisamos abandonar a estranha ideia de que todas as línguas são traduzíveis para o já estabilizado idioma do social”, de forma que a tradução possa ser entendida justamente como uma negociação ou interpretação das associações entre os mediadores, já que as ligações formadas não são “sociais”, em sentido tradicional, mas parte de uma rede de muitas “línguas”.

No âmbito educacional, Borges e Schlieck (2018, p. 176) veem uma conexão entre a ANT e a educação, pois consideram “a Educação como uma área de traduções sobre si mesmo, sobre o outro (humano e não-humano) e sobre o mundo, capaz de nos transformar e transformar as redes sociotécnicas a qual [*sic*] pertencemos a partir das relações promovidas com os diferentes actantes”. Assim, elas acreditam que a ANT, “ao colocar humanos e não-humanos numa ontologia plana e simétrica, nos permite compreender como alunos e professores se apropriam das TD [tecnologias digitais] e as incorporam em suas práticas discentes e docentes” (Idem., 2018, p.194). Sem deixar de também reconhecer as associações feitas com outros tipos de elementos não humanos, além das tecnologias digitais.

Neste artigo, *Teoria Ator-Rede e Educação: no rastro de possíveis associações* (BORGES; SCHLIECK, 2018), as pesquisadoras fazem uma investigação sistemática sobre a existência da relação dos assuntos “Educação” e “Teoria Ator-Rede”, procurando produções científicas educacionais fundamentadas na ANT. Para isso, buscaram estudos publicados entre os anos 2010 e 2017, em português, nas bases de dados “Periódicos da Capes”, “SciELO”, “BDTD” e no banco de dados da biblioteca da UDESC, usando os termos “Teoria Ator-Rede AND Educação”, no campo de busca, e depois analisaram as produções educacionais que seguiam

³ “we need to abandon the strange idea that all languages are translatable in the already established idiom of the social”

princípios tanto teóricos, quanto metodológicos da ANT na pesquisa — chegando, assim, a oito resultados. Antes disso, porém, registraram o afunilamento dessa busca em números, somando os resultados de pesquisas encontradas em todas as plataformas: primeiro sobre a ANT, no geral (402); depois das que continham as palavras-chave “Teoria Ator-Rede” e “Educação” (62); e, por fim, as da área educacional (10). Excetuando dois desses trabalhos que estavam repetidos, porque publicados em mais de uma das bases de dados pesquisadas, restaram oito estudos diferentes a serem analisados, entre uma tese, duas dissertações e cinco artigos.

A teoria ator-rede é um argumento ou um método negativo (LATOUR, 2005), no sentido de que “não diz nada de positivo sobre nenhuma conjuntura” (p. 141, tradução nossa⁴) ou que “não diz nada sobre a forma do que está sendo descrito com ele” (Idem, 2005, p.142, tradução nossa⁵). Ela não é exatamente aplicável, mas um desafio de observação sem atalhos, orientado por controvérsias e incertezas sobre o que pode ser analisado. As pesquisas levantadas por Borges e Schlieck não delimitam uma forma objetiva de explorar a ANT na educação, nem elaboram métodos replicáveis para futuras pesquisas, mas trabalham com estudos de caso orientados por conceitos próprios da teoria, como “associações”, “mediadores”, “rastros”, “não-humanos”, etc. Nos resultados encontrados, a ANT se mostra relevante para uma compreensão em rede dos elementos organizados nas pesquisas, pois concebe agência para os mesmos e distribui o processo de ensino-aprendizagem entre eles, compreendendo as relações entre humanos e não-humanos e suas associações de forma construtiva para a educação e, segundo as autoras, oferecendo protagonismo aos atores (Ibid., p. 194).

Citando dois exemplos analisados pelas pesquisadoras, no artigo *Algumas aprendizagens construídas durante a brincadeira de pipa: o que está em jogo*, a autora seguiu o rastro de crianças brincando de pipa. Ela percebeu que “para um conhecimento passar de geração para geração é preciso enxergar as recalcitrâncias entre humanos (pessoas) e não-humanos (pipa), e deixar a aprendizagem fluir.” (Ibid., p. 186). Em outro artigo, *Aprendendo a ser afetado: contribuições para a Educação em Ciências na Educação Infantil*, “a atividade realizada (...) mostrou que a aprendizagem foi possível porque as crianças foram ‘afetadas’ pelos elementos humanos e não-humanos envolvidos na rede que se formou no bosque da escola enquanto procuravam as inscrições rupestres.” (Ibid., p. 186-187)

⁴ “It does not say anything positive on any state of affairs.”

⁵ “it says nothing about the shape of what is being described with it”

A conclusão foi de que, pelo menos, desde 2010 pesquisas relacionadas à ANT são produzidas e publicadas, mas uma parcela ainda pequena é da área educacional (Ibid.). Nota-se que as pesquisas educacionais perpassam diversos domínios acadêmicos, mas não as artes, no geral. Replicando, agora, o método de pesquisa dessas autoras nas mesmas plataformas, e incluindo o repositório institucional da UnB, vê-se que novas publicações foram feitas nos últimos anos, mas com o acréscimo do termo “arte”, os resultados desaparecem⁶ — fora uma exceção que, ainda assim, não contempla as artes visuais, como a dissertação *Projetos de bandas escolares no Distrito Federal : um estudo com documentação narrativa na perspectiva da Teoria Ator-rede*, de Leandro Francisco dos Santos, do Programa de Pós-Graduação Música em Contexto, do Instituto de Artes da UnB, de 2019, publicada no repositório em 2020. Pode-se adicionar à mesma conclusão que a produção de pesquisas que relacionam a ANT à educação é menor ainda na área artística.

No entanto, o aumento de pesquisas que evocam essa relação com o passar do tempo e a relevância que a teoria ator-rede vem ganhando em diversas literaturas, junto com a virada ontológica nas ciências sociais⁷, podem sugerir uma abertura para que a arte e a educação se entrelacem mais profundamente com essas ideias. Como se se envolvessem em uma nova episteme, podemos nos perguntar sobre o que deixamos de fora ao não considerar a atuação dos não humanos nas relações de ensino e aprendizagem e como eles afetam professores e estudantes. Se uma ontologia plana permite um olhar menos invasivo para as diversas associações feitas em formações de grupos, as pesquisas recentes que relacionam a ANT com a educação trazem contribuições para uma outra compreensão semiótica que permeia o desenvolvimento e a aprendizagem, centrada na materialidade, reconhecendo a agência de elementos não humanos e o protagonismo de todos os atores.

⁶ Encontramos a tese *Arte Computacional e Teoria Ator-Rede: actantes e associações intersubjetivas em cena*, no repositório da UnB, de Carlos Praude com orientação de Suzete Venturelli, que une os assuntos *Arte* e *Teoria Ator-Rede*, mas não envolve *Educação*. Outro possível resultado é o artigo apresentado na ANPAP deste ano de Leandro Alves Garcia (UnB), Atena Pontes de Miranda (UFPB) e Thérèse Hofmann Gati Rodrigues da Costa (UnB) de título *Teoria Ator-Rede: Estados da Arte e Pesquisas em Arte*, que une os três assuntos de interesse desta pesquisa, mas que ainda não foi publicado.

⁷ A virada ontológica nas ciências sociais é um movimento intelectual contemporâneo com caráter transdisciplinar que inclui alguns dos estudos apresentados nesta pesquisa (como os de Bruno Latour, John Law, Donna Haraway e Anna Tsing). Não há, segundo o pesquisador Carlos Armani (2020, p.40), “um texto canônico sobre o assunto, nem uma corrente específica de pensamento que possa ser seu paradigma mestre”. Apesar de ser difícil defini-la com exatidão, Armani (Idem) encontra convergências da abordagem em revisões ontológicas, nas ciências sociais, sobre definições antes muito marcadas pela metafísica, como de natureza e cultura, como uma crítica dirigida ao Antropoceno. Na virada ontológica, “propriedades dos existentes do mundo sofrem certa variação que não as reduzem a um universo de relações que separa natureza, sociedade, linguagem e ser.” (Ibidem, p.41)

Intersubjetividade x interobjetividade

Considere o termo "objetividade". Isso geralmente implica desapego: fazer parte de algo é ser subjetivo — é ser parcial em vez de imparcial. Mas, uma vez que estamos irremediavelmente situados, localizados em uma trama semiótica material, não há desapego. No entanto, o que podemos fazer é distorcer o que queremos dizer com a palavra "objetividade". (LAW, John, 2019, p.7, tradução nossa⁸)

Um dos conceitos utilizados por Bruno Latour (Ibid.) para tratar da ANT é o de interobjetividade, que se contrapõe ao de intersubjetividade, por considerar relações e interações entre objetos (ou interobjetivas) relevantes nas formações de grupos e suas análises em redes. Se a intersubjetividade mensura a relação entre sujeitos ou entre sujeitos e objetos, a interobjetividade aponta para o que ocorre fora de dimensões subjetivas.

Pela óptica da ANT, os objetos também têm agência e são incluídos de forma necessária no rastreamento de associações, considerando seus deslocamentos anteriores às interações locais. Latour (Ibid., p.193, tradução nossa⁹) diz que “(...) toda interação local é ‘moldada’ por muitos elementos já antes presentes na cena, [mas que isso] não nos diz nada sobre a origem desses elementos”. O autor compreende que as interações na ANT não são simultâneas, pois estamos nos relacionando sempre com outras interações ausentes, por meio de objetos produzidos em outro tempo. Assim, nossas relações são dilatadas no tempo e no espaço, devendo o analista localizá-las. A estrutura da cena examinada não tem uma dimensão *social*¹⁰ (aqui, no sentido tradicional) que dê contexto global para as relações estabelecidas. No caso, a palavra “estrutura” tem significado mais literal para a ANT, eis que construída materialmente por atores não-humanos (p. 194). Considera-se uma rede a partir dos deslocamentos prévios dos objetos da cena, ao invés de micro e macro-estruturas, já que o social, aqui, é compreendido através dos movimentos e ações dos atores, quando associações diferentes das usuais dão visibilidade para a interação; quando um suposto contexto é pervertido.

Se a origem dos elementos está relacionada ao *contexto* na sociologia tradicional, essa compreensão é substituída pela de *rede* na ANT: “(...) a “rede” hifenizada não está lá como

⁸ “Consider the term ‘objectivity’. This usually implies detachment: to be a part of something is to be subjective – it is to be partial rather than impartial. But since we are irredeemably situated, located in a material semiotic weave, there is no detachment. However, what we can do is to bend what we mean by the word ‘objectivity’.”

⁹ “(...) every local interaction is ‘shaped’ by many elements already in place, doesn’t tell us anything about the origin of those elements”

¹⁰ A partir daqui a palavra *social* estará em itálico quando se referir estritamente ao seu sentido tradicional.

uma presença sub-reptícia do Contexto, mas permanece como o que conecta os atores” (LATOURE, Ibid., p. 180, tradução nossa¹¹). A rede achata o dimensionamento social ao não trazer explicações externas para as associações e para a presença dos atores. Sem dimensões globais, as ligações, traduções e deslocamentos se tornam visíveis e passíveis do rastreamento proposto pela metodologia:

O que é tão importante para o nosso projeto é que, em uma topografia tão plana, se alguma ação tiver que ser transportada de um local para o outro, agora você claramente precisa de um conduto e um veículo. Na outra paisagem, o contexto embutido e o ator embutido eram tão incomensuráveis, eles estavam separados por uma lacuna tão inexplicável, que nunca houve qualquer maneira de detectar através de qual misteriosa ação do veículo foi realizada. Mas esse não é o caso se a paisagem for mantida obsessivamente plana. O custo total de cada conexão agora é totalmente pago. Se um local deseja influenciar outro, ele deve arrecadar os meios. A tirania da distância foi sublinhada novamente. (LATOURE, Ibid., p. 174, tradução nossa¹²)

O autor usa de exemplo o ambiente educacional para abordar a interobjetividade (Ibid., p. 194-195): se um professor senta em uma cadeira de auditório para dar uma aula em um anfiteatro lotado, e o faz com sucesso, é porque anos antes, em um escritório que não se encontra ali, alguém desenhou esse espaço, planejando todos os detalhes para que o professor pudesse agir agora, conforme suas necessidades educacionais com os alunos. Se, por um lado, a estrutura do espaço não define como o professor vai ministrar sua aula, ela não pode ter sua função ignorada, já que sem ela, com o barulho da rua, interrupções latentes etc., a tarefa seria muito mais árdua. A configuração em rede dos objetos proporciona uma estrutura possível para a interação do professor com os alunos, mas Latour (Ibid., p. 96) indica que essa configuração não se dá de forma contextual, e sim relacional, a partir de outras interações prévias, lembrando como lugares (e interações locais) são sempre *localizados*¹³.

¹¹ “(...) the hyphenated ‘network’ is not there as a surreptitious presence of the Context, but remains what connects the actors together”

¹² “What is so important for our project is that, in such a flattened topography, if any action has to be transported from one site to the next, you now clearly need a conduit and a vehicle. In the other landscape, the embedded context and the embedded actor were so incommensurable, they were separated by such an unaccountable gap, that there was never any way to detect through which mysterious vehicle action was carried out. But that is not the case if the landscape is kept obsessively flat. The full cost of every connection is now entirely payable. If a site wants to influence another site, it has to levy the means. The tyranny of distance has been underlined again.”

¹³ Na sociologia tradicional o “local” se refere a interações isoladas, observadas por uma perspectiva “micro”. O “global” se refere à estrutura social a qual esta primeira interação faz parte (“macro”). Na ANT, o social é posto em perspectiva plana, de forma de que não existe uma perspectiva macro sobre as interações, então as ações são sempre localizadas, uma a uma, sem atalhos (LATOURE, 2005).

Já a intersubjetividade é assunto de interesse frequente na área educacional. Presente nos estudos que buscam contribuições da fenomenologia para a educação, a intersubjetividade se caracteriza como artifício de relacionamento e interação entre as consciências humanas (BOHN, 2005). Mariasinha Bohn (2005, p.40) diz que “a fenomenologia se ocupa da realidade cognitiva integrada aos processos de experiências humanas subjetivas”. A sala de aula é um ambiente rico para o estudo dessas interações justamente por ser um ambiente propício para o desenvolvimento cognitivo. A autora pontua que tal desenvolvimento depende de fatores físicos (que podem ser caracterizados pela interobjetividade) e epistemológicos, mas que são igualmente importantes as concepções que o professor tem sobre a educação.

Com o intuito de formar um paralelo entre os dois conceitos, talvez seja possível estabelecer uma conexão entre intersubjetividade e interobjetividade se considerarmos uma semiótica material¹⁴ no lugar daquela semiótica de construção subjetiva:

A semiótica material é um conjunto de ferramentas e sensibilidades para explorar como as práticas no mundo social são tecidas de fios para formar tramas que são simultaneamente semióticas (porque são relacionais e/ou carregam significados) e materiais (porque são sobre as coisas físicas capturadas e moldadas nessas relações). (LAW, 2019, p.1, tradução nossa¹⁵)

Este conjunto compreende a Teoria Ator-Rede, assim como outras abordagens correlatas das ciências sociais que reconhecem múltiplas realidades que se cruzam umas sobre as outras, segundo John Law (2019, p.1), um dos autores da ANT. Isto é, abordagens em que tecidos sociais, ou redes, se formam, infinitamente, a partir de associações entre elementos heterogêneos e se localizam entre diferentes perspectivas, já que as redes são performativas e estão em constante processo de formação. Torna-se possível a produção de diferentes narrativas a depender de como são localizadas as redes, gerando diferentes leituras semióticas para questões de fato que se tornam múltiplas, pelas muitas formas que se torna possível encarar tais questões (LAW, Idem) (LATOURETTE, Idem).

¹⁴ Em inglês, *material semiotics*, é usado o plural. Por isso a escolha de usar o artigo indefinido para o nome no singular, mais comum em português.

¹⁵ “*Material semiotics is a set of tools and sensibilities for exploring how practices in the social world are woven out of threads to form weaves that are simultaneously semiotic (because they are relational, and/or they carry meanings) and material (because they are about the physical stuff caught up and shaped in those relations.)*”

Enquanto a ANT parece ser pouco política nesse sentido, outras tradições, como a semiótica material feminista, se preocupam em produzir narrativas estratégicas para escolher seguir determinadas redes em detrimento de outras (LAW, Idem). Cria-se políticas ontológicas que permitem valorizar umas realidades sobre outras, uma vez que a semiótica material suspende a ontologia e a epistemologia em um campo de relatividade. Até grandes mecanismos *sociais*, como o patriarcado, são também suspensos em uma recusa a uma só realidade objetiva (LAW, Idem). Assim, são borradas as definições entre sujeito e objeto para os atores. Seus processos semióticos são materialmente compartilhados por toda a rede, entre humanos e não humanos, gerando conhecimentos localizados.

Ao refletir sobre como localizar a intersubjetividade em um processo educativo situado entre tramas e tecidos de muitas realidades sociais, nos perguntamos se a interobjetividade pode contribuir para os processos de ensino e aprendizagem. Não para competir com o conceito de intersubjetividade, mas como uma forma de estabelecer políticas ontológicas sobre as redes educativas. Seria possível que a interobjetividade fornecesse informações precisas sobre como e onde ocorrem os processos intersubjetivos (ou de que forma seria melhor fazê-lo)? O reconhecimento dessas redes e a participação ativa de elementos não humanos nelas parece oferecer uma nova leitura para as teorias da educação, que até então se concentram nas questões do sujeito.

É importante mencionar o artigo *Educação, antropologia, ontologias*, de Gamboggi e Tadei (2016), que analisam uma relação entre educação e antropologia a partir de autores da virada ontológica (que trabalham com a semiótica material), e apontam:

Os questionamentos trazidos pelos autores mencionados [Bruno Latour, Eduardo Viveiros de Castro, Donna Haraway, Tim Ingold e Arturo Escobar] refletem, em grande medida, ideias desenvolvidas inicialmente por Paulo Freire e subsequentemente por educadores ligados à ecopedagogia. Ou seja, ainda que as circunstâncias não tenham alinhado as coisas dessa forma, seria plenamente possível que essa crítica à antropologia tivesse vindo, no Brasil, a partir da ecopedagogia. De qualquer forma, parece fato que existe agora um contexto inédito de possibilidade de alinhamento entre a educação e a antropologia, de uma construção de simetria real e de uma relação de colaboração mútua e significativa. (GAMBOGGI E TADEI, p.36, 2016)

Isso sugere uma próxima direção para essa pesquisa, propondo o alinhamento de tais críticas ontológicas com a própria pedagogia de Paulo Freire.

Autopoiesis x Sympoiesis

Autopoiesis, ou autopoiese, é um conceito criado nos anos 70 pelos filósofos e biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela (1995) sobre a organização biológica, caracterizada pela capacidade dos seres vivos de produzirem continuamente a si mesmos. Desse modo, os seres vivos podem ser definidos por sua autonomia, compreendida pela capacidade de determinação sobre seus limites e pelo que lhes é próprio, o que é exemplificado desde a unidade celular. Vide seu metabolismo e reprodução, as células produzem a si mesmas através de processos químicos internos desenvolvidos a partir de interações com a vasta rede de composição molecular e todo o ambiente em que são situadas. Os seres vivos, então, se autoproduzem por meio de propriedades inatas e adquiridas entre variadas interrelações, definindo-se entre o ser e o fazer:

Possuir uma organização, evidentemente, é próprio não só dos seres vivos, mas de todas as coisas que podemos analisar como sistemas. No entanto, o que os distingue é sua organização ser tal que seu único produto são eles mesmos, inexistindo separação entre produtor e produto. O ser e o fazer de uma unidade autopoietica são inseparáveis, e esse constitui seu modo específico de organização. (MATURANA E VARELA, 1995, p.89)

A organização autopoietica gera perspectivas que se estendem para outras áreas de conhecimento e provoca múltiplos encontros interdisciplinares. Segundo a pesquisadora Elisabeth Rossetto (2010), o trabalho de Maturana (tendo sido construído em torno do conceito de autopoiese) “é reconhecido em diversas áreas, tais como: direito, sociologia, filosofia, psicologia, educação, terapia familiar, organização de empresas e a teoria geral dos sistemas”. A autopoiese gera uma revolução epistemológica quando torna a genética uma possibilidade em vez de uma predeterminação para os seres e o desenvolvimento do indivíduo, que passa a ser considerado junto com a educação e a cultura (ROSSETTO, Idem). A pesquisadora afirma que “Maturana estabelece um entrelaçamento permanente e contínuo entre o biológico, o social e o cultural” (Ibidem), que compreende o indivíduo (ou o sujeito) em uma relação emaranhada entre natureza e cultura.

Absorvida pela Educação, a autopoiese contribui para discussões acerca da autonomia do indivíduo e o seu protagonismo em busca do conhecimento. Por isso, ela também é chamada de “biologia do conhecer”. À medida que novas correntes de pensamento postulam modelos sistêmicos de organização da vida baseados em interrelações contínuas, a autopoiese continua

relevante para a educação, por estabelecer a cognição como um processo pertencente a todos os sistemas vivos, situando o sujeito entre outros seres e o meio (ROSSETTO, 2010). A própria semiótica material, compreendida pela virada ontológica, é influenciada diretamente pelo trabalho de Maturana e Varela:

Essa valorização da dimensão ontológica, em detrimento das abordagens epistemológicas, vem sendo chamada de virada ontológica nas ciências sociais. A própria vida passa a ser entendida como indissociável das formas como os seres — vivos e não vivos — estabelecem relações entre si; ou seja, as ontologias são entendidas como fundamentalmente relacionais, influência tanto do pensamento de Deleuze e Guattari (1995) como da obra de Maturana e Varela (1995). (GAMBOGGI E TADEI, 2016, p.35)

Donna Haraway (2016), por sua vez, fala em semiótica material e, junto com isso, em práticas de “*worlding*”¹⁶, ao propor como método a múltipla figura chamada de “*String Figures*” (SF), que também pode significar, por associação: *Science Fiction, Speculative Fabulation, Speculative Feminism, Science Fact, so far*¹⁷ (p. 2). *String Figures* é a *Cama de Gato*, aquela brincadeira que produz essa figura de cordas emaranhada nas mãos. Tal figura permite uma compreensão objetiva da semiótica material, assim como a própria sigla SF, com seus tantos significados:

Penso nas figuras de SF e em *String Figures* em um sentido triplo de figuração. Primeiro, arrancando fibras indiscriminadamente em eventos e práticas densas e coaguladas, tento seguir os fios por onde eles conduzem a fim de rastreá-los e encontrar seus emaranhados e padrões cruciais para ficar com o problema¹⁸ em lugares e tempos reais e particulares. Nesse sentido, SF é um método de traçar, de seguir um fio no escuro, em um perigoso e verdadeiro conto de aventura, onde [há] quem vive e quem morre e como isso pode se tornar mais claro para o cultivo da justiça multiespécies. Em segundo lugar, a figura do barbante não é o rastreio, mas sim a coisa real, o padrão e a montagem que solicita uma resposta, a coisa que não é a própria pessoa, mas com a qual se deve prosseguir. Terceiro, descobrir fios é passar adiante e receber, fazer e desfazer, pegar fios e soltá-los. SF é prática e processo;

¹⁶ O conceito de *worlding* se expressa na própria semiótica material e no conceito de *String Figures*. Embora Donna Haraway não o conceitue exatamente, neste trabalho, Hunter e Palmer (2018) trazem algumas definições a partir da leitura de outras obras da autora, assim como de outros autores que trabalham com o termo. Em resumo, o conceito “é informado por nossa atenção voltada para uma determinada experiência, lugar ou encontro e nosso engajamento ativo com a materialidade e o contexto em que os eventos e interações ocorrem” (tradução nossa). Originalmente: “is informed by our turning of attention to a certain experience, place or encounter and our active engagement with the materiality and context in which events and interactions occur.”

¹⁷ “so far” poderia ter sido traduzido por “até agora”, mas escolhemos manter o jogo léxico da autora, que, intencionalmente, usou uma expressão com as iniciais S e F.

¹⁸ Ficar com o problema, ou *Staying with the trouble*, é título deste livro citado de Donna Haraway, que tem como argumento principal “ficar com o problema” como uma postura alternativa ao pessimismo ou otimismo perante às urgentes crises que vivemos hoje, como forma de estar presente com os problemas do mundo e se envolver com eles.

se tornar um com o outro em revezamentos surpreendentes (...) (HARAWAY, 2016, p.3, tradução minha¹⁹)

SF representa a própria semiótica material que, para Donna Haraway (Idem, p.33), não tem como bom modelo a autopoiese. Ela reconhece que a autopoiese não é um sistema esférico e fechado, mas ainda assim, em sua preocupação com o envolvimento multiespécies e as práticas de *worlding*, o fazer é sempre fazer *com*. Enquanto a unidade autopoietica tem seus limites determinados, String Figures são imprevisíveis e instáveis, não podendo ser definidas pela autonomia. Os múltiplos cruzamentos de vidas e realidades e as interações, para a autora, são simpoiéticos.

Sympoiesis significa “fazer com”. Parece o oposto de autopoiesis, que significa “auto-fazer”, mas não é. Trata-se de uma outra perspectiva. Donna Haraway (2016, p.58, tradução nossa²⁰) diz que “Sympoiesis envolve a autopoiesis e, generativamente, a desdobra e estende”. Para ela, muitos dos autores que usam da autopoiese para abordar alguns modelos e teorias poderiam, em vez disso, falar de simpoiese, se conhecessem o termo, que só foi sugerido depois, por Beth Dempster, em 1998, e ainda é menos difundido. A diferença fundamental é que a autopoiese se define em tempo e espaço delimitados, pois é um sistema estável, controlado e previsível; e a simpoiese ocorre em tempos e espaços heterogêneos, sem fronteiras (HARAWAY, Idem) — Um pouco como a diferença entre intersubjetividade e interobjetividade, de forma que a primeira ocorre em tempo e espaço definidos e a segunda compreende muitos deslocamentos temporais e espaciais numa mesma cena.

Para Donna Haraway (2016), a semiótica material não pode compreender uma unidade autônoma. São as relações e os cruzamentos que concentram os modos de produção e reprodução dos organismos vivos e, figurativamente, representam um pensamento filosófico que exige mais responsabilidade²¹ e postura ecológica (opondo-se a ideias neoliberais de individualismo, por exemplo, segundo a autora). O modelo de *String Figures* revisita a teoria

¹⁹ “I think of *sf* and string figures in a triple sense of figuring. First, promiscuously plucking out fibers in clotted and dense events and practices, I try to follow the threads where they lead in order to track them and find their tangles and patterns crucial for staying with the trouble in real and particular places and times. In that sense, *sf* is a method of tracing, of following a thread in the dark, in a dangerous true tale of adventure, where who lives and who dies and how might become clearer for the cultivating of multispecies justice. Second, the string figure is not the tracking, but rather the actual thing, the pattern and assembly that solicits response, the thing that is not oneself but with which one must go on. Third, string figuring is passing on and receiving, making and unmaking, picking up threads and drop-ping them. *sf* is practice and process; it is becoming-with each other in surprising relays (...).”

²⁰ “Sympoiesis enfolds autopoiesis and generatively unfurls and extends it.”

²¹ Responsabilidade, em *Staying with the trouble*, é escrito originalmente *response-ability*, como “habilidade de responder/resposta”. Haraway trabalha como este sentido sobre a palavra.

evolutiva de Darwin, assim como a Nova Síntese evolutiva, que combina as ideias de Darwin com os estudos de hereditabilidade feitos entre os anos 30 e 50:

“uma emergente ‘Nova Nova Síntese’ — uma síntese estendida — em biológicas e artes transdisciplinares propõe *figuras de cordas* unindo ecologias humanas e não humanas, evolução, desenvolvimento, história, afetos, performances, tecnologias e muito mais” (HARAWAY, Idem, p.63, grifo nosso, tradução nossa²²).

Anna Tsing (2015) pontua como a Nova Síntese e a concepção de uma organização do ser vivo autônoma e independente está isolada da história. Os estudos sobre a hereditabilidade e escalabilidade genética, com a descoberta do DNA, condizem com preceitos modernos de uma autoprodução e auto-organização dos seres vivos, podendo ser perfeitamente aplicados e reaplicados pelo método científico — o que é possível por causa da estabilidade a respeito das determinações da estrutura genética. No entanto, o desenvolvimento desses estudos mostra que os seres vivos não podem ser isolados do seu ambiente, e que a própria evolução lida com expressões e mutações genéticas em decorrência da interação com o ambiente e dos relacionamentos interespecies. Uma das descobertas é que alguns seres se desenvolvem apenas através do contato de outras espécies (TSING, Idem, p.179). Dessa forma, Anna Tsing traz o termo *symbiopoiesis*, de Scott Gibling e seus colegas, e cita um de seus comentários sobre a seleção natural: “a natureza pode estar selecionando relações, mais do que indivíduos e genomas” (Idem, p.180, tradução nossa²³).

Sem nos atermos se há ou não diferença entre os termos *symbiopoiesis* e *sympoiesis*, destaca-se que ambos partem da mesma teoria dos holobiontes, que pensa como as associações entre os seres vivos são as grandes responsáveis pela manutenção da vida (HARAWAY, 2016) (TSING, 2015). Anna Tsing (Idem) aponta que as relações interespecies produzem os grandes acontecimentos sobre a Terra. Além dos modelos auto-replicáveis, o desenvolvimento das espécies ocorre por diversos encontros que ultrapassam quaisquer expectativas. A autora mostra que a própria célula, modelo da autopoiese, também se desenvolve a partir desses encontros:

²² “An emerging ‘New New Synthesis’—an extended synthesis—in transdisciplinary biologies and arts proposes string figures tying to- gether human and nonhuman ecologies, evolution, development, his- tory, affects, performances, technologies, and more.”

²³ “Nature may be selecting ‘relationships’ rather than individuals or genomes.”

A reintrodução da história no pensamento evolutivo já começou em outras escalas biológicas. A célula, antes um emblema de unidades replicáveis, acaba sendo o produto histórico da simbiose entre bactérias de vida livre. Até o DNA acaba tendo mais história em suas sequências de aminoácidos do que se pensava. O DNA humano é parte vírus; encontros virais marcam momentos históricos em nos tornar humanos. A pesquisa do genoma assumiu o desafio de identificar o encontro na formação do DNA. A ciência da população não pode evitar a história por muito mais tempo. (TSING, Idem, p.180-181, tradução nossa²⁴)

A mudança de paradigma da autopoiese para a simpoiese tem um impacto enorme sobre todas as disciplinas e áreas que reconhecem essa teoria. Se para a educação, a autopoiese é tão estabelecida, com valores relevantes para o desenvolvimento dos estudantes, incluindo a autonomia e o protagonismo, neste momento, é possível apenas especular possíveis contribuições da simpoiese. Algumas pistas, ao menos para o que tange à área artística, podem ser encontradas no que Donna Haraway (Idem) chama de *Science Art Worldings*, “holobiomas, ou holoentes, em que cientistas, artistas, membros comuns de comunidades e seres não humanos simpoiéticos tornam-se envolvidos nos projetos uns dos outros, nas vidas uns dos outros (...)” (p.71-72, tradução minha²⁵). Esses holobiomas são modelos de prática e pensamento simpoiéticos, combinando arte e ciência para que possamos *ficar com o problema* e agir com responsabilidade perante à crise ecológica que vivemos hoje; e, ainda, à crise epistemológica e ontológica resultado da modernidade, com suas acepções coloniais, que geram vários desses efeitos.

Trazemos dois dos quatro exemplos que a autora cita. Um é o projeto artístico *Crochet Coral Reef* (2005—) das artistas e cientistas Christine e Margaret Wertheim. A iniciativa, inspirada pela geometria hiperbólica criada pelo crochê combinada com a experiência sensorial em explorá-lo, pareceu, para as irmãs artistas, uma forma de se envolver na luta contra o branqueamento de recifes de corais. A criação de corais de crochê, ultrapassando qualquer expectativa das artistas, motivou oito mil pessoas em vinte e sete países diferentes a colaborarem com o projeto, que resultou em diversas peças feitas, em crochê, de diversos

²⁴ “Reintroducing history into evolutionary thinking has already begun at other biological scales. The cell, once an emblem of replicable units, turns out to be the historical product of symbiosis among free living bacteria. thought. Even DNA turns out to have more history in its amino-acids sequences than once thought. Human DNA is part virus; viral encounters mark historical moments in making us human. Genome research has taken up the challenge of identifying encounter in the making of DNA. Population science cannot avoid history for much longer.”

²⁵ “holobiomes, or holoents, in which scientists, artists, ordinary members of communities, and nonhuman Sympoiesis beings become enfolded in each other’s projects, in each other’s lives (...)”

materiais. Haraway (Idem, p.78, tradução nossa²⁶) diz que o projeto “(...) alimenta o nó simpoiético de matemática, biologia marinha, ativismo ambiental, conscientização ecológica, artesanato feminino, artes com fibras, exibição em museu e práticas artísticas comunitárias”.

E analisa:

Contaminando uns aos outros e qualquer pessoa que entre em contato com suas criaturas fibrosas, os milhares de artesãos crochecam ligações psicológicas, materiais e sociais em recifes biológicos nos oceanos, mas não praticando biologia de campo marinho ou mergulhando entre os recifes ou fazendo algum outro contato direto. Em vez disso, os artesãos costuram "intimidade sem proximidade", uma presença sem perturbar as criaturas que animam o projeto, mas com o potencial de fazer parte do trabalho e da diversão para enfrentar as práticas exterminacionistas, inúteis e gananciosas das economias industriais globais e culturas. (HARAWAY, Idem, p.79, tradução nossa²⁷)

Outro é o *Madagascar Ako Project* da pesquisadora americana Alison Jolly. Envolvida com o estudo dos lêmures, em Madagascar, Jolly criou uma série de livros infantis com colaboração da bióloga Hantanirina Rasamimanana e da ilustradora Deborah Ross sobre um lêmure malgaxe que vive diversas aventuras. Suas histórias continham informações valiosas sobre a fauna e flora locais e eram distribuídas sem burocracias para as comunidades rurais do país, que tinham pouco ou nenhum acesso à escola. Seu projeto pretendia abordar a ecologia local em um país que a educação defasada e realizada sob modelo colonial não contemplava o conhecimento ambiental e a geografia local. Enquanto as incessantes práticas de desflorestamento do país, chamadas de *tavy*, criavam riscos para futuro da floresta e das espécies locais, os livros ilustrados de Jolly buscavam conscientizar a população com informação e empatia sobre a biodiversidade (Ibidem).

Haraway (Idem, p.85, tradução nossa²⁸) diz que “Sem inocência e com compromisso implacável, Jolly e Rasamimanana praticaram, em solidariedade, as artes de viver em um planeta danificado (...)”. Além de lidar com as deficiências escolares do país com um projeto educativo e de cunho social, outras consequências dessa iniciativa podem ser vistas, como observa a autora. Quando Rasamimanana coordena, em 2013, o Quinto Congresso

²⁶ “powers the sympoietic knotting of mathematics, marine biology, environmental activism, ecological consciousness raising, women’s handicrafts, fiber arts, museum display, and community art practices.”

²⁷ “Infecting each other and anyone who comes into contact with their fibrous critters, the thousands of crafters crochet psychological, material, and social attachments to biological reefs in the oceans, but not by practicing marine field biology or by diving among the reefs or making some other direct contact. Rather, the crafters stitch “intimacy with-out proximity,” a presence without disturbing the critters that animate the project, but with the potential for being part of work and play for confronting the exterminationist, trashy, greedy practices of global industrial economies and cultures.”

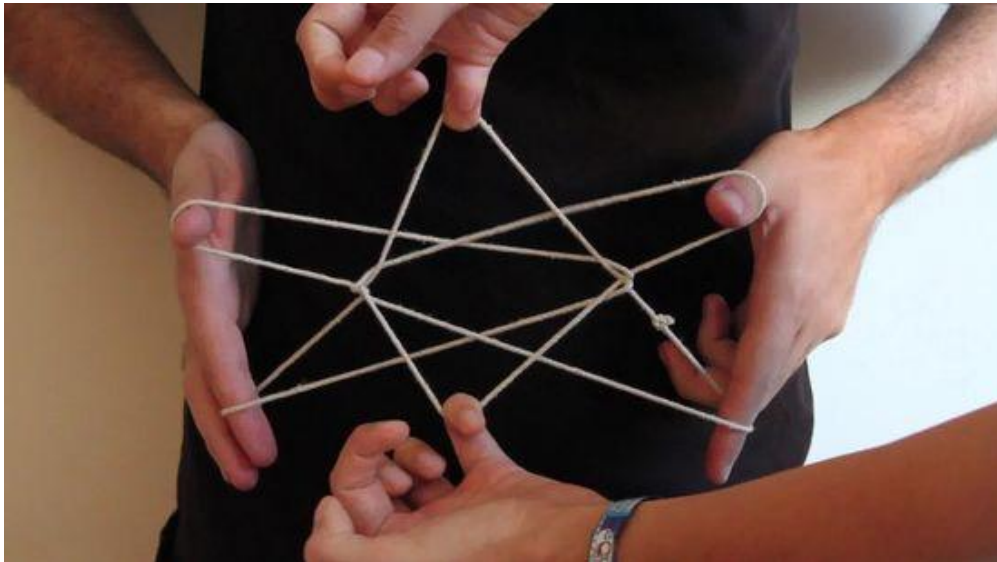
²⁸ “Without innocence and with relentless commitment, Jolly and Rasamimanana have practiced, in solidarity, the arts of living on a damaged planet (...)”

Internacional Prosimian, oitenta dos duzentos participantes eram de Madagascar. Donna Haraway cita a reflexão de Jolly sobre o que este congresso significava:

A grande mudança é que a maioria dos artigos são de autoria de malgaxes falando sobre sua própria biodiversidade, ansiosos por avançar em suas carreiras na conservação. Um contraste com a perplexidade contínua de tantos outros malgaxes quanto ao motivo de alguém querer visitar as florestas! E um balanço enorme de todos os encontros no passado dominados por estrangeiros. (HARAWAY, 2016, p.85, tradução nossa²⁹)

Science Art Worldings combinam ciência e arte em ações articuladoras de pesquisa e prática, produzindo experiências conscientizadoras e educativas. Ainda que só seja possível especular sobre as contribuições da simpoiese para a educação nesta pesquisa, os exemplos trazidos por Donna Haraway (Idem), como modelos de pensamento e prática simpoiéticos, podem ser vistos pela perspectiva educacional. Estes cruzam múltiplas realidades, nutrindo a responsabilidade dos participantes, humanos e não humanos, desta rede que se forma, e os fazem, juntos, produzirem determinados conhecimentos e se envolverem ativamente sobre eles.

Fig. 1 Figuras de cordas ou Cama de gato.



Fonte: Imagem da internet.

²⁹ "The big change is that most papers are by Malagasy speaking on their own biodiversity, eager to advance their own careers in conservation. A contrast to the continuing bewilderment of so many other Malagasy as to why anyone would want to visit forests! And a huge swing from all the meetings in the past dominated by foreigners"

Parte 2

Interobjetividade e Simpoiese em
Propostas de Jorge Menna Barreto

Jorgge Menna Barreto

Jorgge Menna Barreto é um artista visual e educador cuja pesquisa se ocupa com uma abordagem crítica sobre o *site-specific* e que, ao longo dos últimos anos, tem estabelecido relações com a agroecologia. Sua produção se alinha com propostas educativas de conscientização ambiental e alimentar de acordo com o lugar de realização de cada trabalho, engajando o público com redes de produção e consumo de alimentos locais. Os ecossistemas que envolvem os trabalhos produzem relações específicas que se encontram com as noções de *site-specific* e tradução em sua pesquisa, articuladas pela linguagem poética. A própria expressão *site-specific*, para o artista, é própria de uma expressão cultural, histórica e linguística que requer uma elaboração para o contexto latino-americano, por meio (justamente) de uma tradução. Em seu trabalho, a tradução, entre muitas concepções, se trata de uma operação relacional entre diferentes elementos — um pouco que como para a Teoria Ator-Rede.

Nesta monografia, seus trabalhos são compreendidos como *Science Art Worldings* por conceberem relações simbióticas entre humanos e o meio ambiente com propostas que fundem arte, ciência e educação. Sob essa óptica, são analisados os trabalhos *Sucos Específicos* (2014—2017), *Restauro* (2016) e *Mauvais Alphabet* (2019, 2021), partindo de perspectivas que cabem também à ANT. Esses trabalhos criam *holobiotomas*, como os observados por Donna Haraway (2016, p.71-72) para a identificação de modelos simpoiéticos, envolvendo práticas de profundo envolvimento e *responsabilidade* entre diversos agentes, incluindo cientistas, artistas, membros comuns da comunidade e seres não humanos. As muitas traduções implicadas nas práticas agroecológicas e as qualidades educativas dos trabalhos produzem tramas semióticas materiais, relacionadas, aqui, com os conceitos de interobjetividade e simpoiese.

A relação entre a obra de Jorgge Menna Barreto e a semiótica material não parte apenas desta proposição de pesquisa, mas de iniciativas do próprio artista que, coincidentemente, ou não, leciona na mesma universidade que Anna Tsing e Donna Haraway — *University of California, Santa Cruz*. Um de seus trabalhos em processo é a tradução para o português brasileiro do livro *The Mushroom at the End of the World: on the possibility of life in capitalist ruins*, de Anna Tsing, incluído na literatura deste trabalho. Sua pesquisa em torno da tradução encontra conexões muito diretas com as concepções de tradução de Bruno Latour

e Anna Tsing³⁰ e cruza com noções tanto semióticas quanto materiais por aspirar não só o intercâmbio de sentidos e significados entre linguagens de diferentes elementos emaranhados em seus trabalhos, como, também, os efeitos nas formas materiais envolvidas.

Fig 2. Jorgge Menna Barreto. Captura de Paisagem Sonora, em parceria com Marcelo Wasen, para o projeto *Restauro*



Fonte: Site do artista

³⁰ Anna Tsing reserva um capítulo sobre a tradução em *The Mushroom at the End of the World (...)* chamado *Science as Translation*. Ela diz que a ciência pode se comparar à tradução por unificar conhecimentos diversos em seu sistema (como em um só idioma), mas segundo perspectivas pós-coloniais, a tradução cria costuras entre esses conhecimentos, revelando desajustes criados sobre esse esforço de unidade. Para a autora, essas costuras revelam novas materialidades e são importantes para que nos deparemos com as incompatibilidades e incoerências do sistema que é a ciência (TSING, 2015).

Em uma floresta, cogumelos e plantas trabalham em colaboração, dependendo uns dos outros para sobreviver. Se não fosse por esse emaranhamento, as florestas não existiriam, pois os fungos criam uma intrincada teia subterrânea que transporta água e nutrientes que beneficiam as árvores, que por sua vez alimentam suas espécies companheiras com açúcar originado na fotossíntese. Tradutores também expressam essa força relacional. Eles perturbam a aparente estabilidade do original, à medida que examinam suas raízes para transcriar significados e nutrientes para outras culturas, idiomas e meios. Nesse sentido, o ato da tradução sustenta a biodiversidade do pensamento e da vida, salvando-nos da monocultura da mente e ajudando a navegar o fim do mundo, pois muitos outros podem se fazer notar como uma torrente de cogumelos depois da chuva.

Jorge Menna Barreto sobre *The Mushroom at the End of the World* (...), de Anna Tsing.

Sucos Específicos

Os **Sucos Específicos** [2014] são parte de uma pesquisa que envolve ativismo alimentar, agroecologia e o *site-specific* no campo da arte. Os sucos começaram a aparecer como parte dos alimentos oferecidos no Café Educativo desde 2013. Em 2014, os Sucos Específicos assumem este nome na intervenção realizada no congresso de finalização do projeto Ações Curatoriais, em Florianópolis. Nela, plantas selvagens comestíveis específicas da ilha de Anhatomirim, no litoral catarinense, foram identificadas para serem consumidas como ingrediente em um suco de frutas e folhas verdes. O projeto contou com a participação do agrônomo Jefferson Mota para a identificação dos matinhos comestíveis (plantas alimentícias não convencionais) e do artista Bil Lühmann na ilustração das espécies identificadas colocadas nos rótulos.

Os Sucos Específicos fazem parte de uma pesquisa mais ampla sobre o alimento como um mediador da relação sociedade-ambiente, que foi aprofundada no projeto Restauro. (BARRETO, c2020a)

Fig 3. Ilha de Anhatomirim, Florianópolis



Fonte: Site de Jorgge Menna Barreto

A ideia do alimento como um mediador no trabalho de Menna Barreto se comunica muito diretamente com a Semiótica Material e, especialmente, com a ANT. Os *Sucos Específicos* são agentes mediadores nesta relação que o artista estuda entre sociedade e meio ambiente, e, mais esmiuçadamente, da rede estabelecida entre todos os seus elementos: a ilha de Anhatomirim, as plantas selvagens, o congresso artístico, os visitantes, o agrônomo Jefferson Mota e o artista Bil Lühmann, além do próprio Menna Barreto, entre outros agentes possíveis

de serem listados em uma verdadeira análise sob o método da Teoria Ator-Rede. Os Sucos são agentes transformadores de relações nesse sentido, pois realizam a integração dos elementos da rede e provocam novos sentidos para as associações estabelecidas, gerando traduções sobre a relação sociedade-ambiente, entre noções de paisagem e alimento, por exemplo.

A forma como os *Sucos Específicos* (2014—2017) ativam propriedades de uma rede local está diretamente relacionada às práticas de *responsabilidade* e envolvimento com questões ambientais relevantes que o artista se propõe a articular. Práticas de produção agroecológicas requerem a valorização do ecossistema local e dos trabalhadores envolvidos, assim como o respeito e boa convivência com seres não humanos presentes. O trabalho de Menna Barreto busca reconhecer as potências produtivas e sustentáveis do ecossistema local com o reconhecimento das Plantas Comestíveis Não Convencionais (PANC) próprias do ambiente em questão, juntando arte e ciência em uma proposta educativa e de envolvimento coletivo que explora nossos hábitos alimentares.

Fig. 4 Jorge Menna Barreto, Sucos Específicos, 2014



Fonte: Site do artista

A relação dos Sucos com a paisagem se implica em nossos hábitos alimentares e em como eles têm o poder de transformar essa paisagem, e como, também, podem ser transformados por ela. Uma vez que a lógica de consumo condicionada pela monocultura determina nossas

escolhas alimentares ao apresentar sempre as mesmas opções nos supermercados, passamos a ignorar, comumente, por desconhecimento, a abundância e disponibilidade de diversas plantas comestíveis na natureza. A própria existência de PANC se deve ao fato de haver uma convenção alimentar (essa determinada pelo mercado). Ora, as paisagens se alteram a depender de diversos fatores geográficos; se consumimos sempre os mesmos alimentos, independente de onde estejamos, sem nos atermos à diversidade do que é produzido especificamente em determinado lugar, essa paisagem local sofre duras consequências, ramificadas por toda uma rede de interações.

Em outro momento, em 2014, uma versão do Café Educativo — trabalho de mediação artística de Jorge Menna Barreto, realizado na forma de um café instalado em espaço expositivo, onde os atendentes são também educadores — integrou o educativo da 31ª Bienal de São Paulo e produziu, em oficinas, outra edição dos Sucos Específicos para venda no restaurante da Bienal. Nessa ocasião, os Sucos eram feitos com frutas e folhas verdes da região de São Paulo, onde fica a Bienal. Os Sucos, sendo adaptáveis para realização em outros *sites*, articulam especificidades ecológicas do lugar. Eles mostram que o conhecimento e envolvimento sobre a produção local de alimentos e as plantas da região são muito potentes para transformar não só paisagens urbanas e vegetais, mas o nosso próprio corpo, pelos efeitos de uma alimentação variada.

Dessa forma, o trabalho de Jorge Menna Barreto não só transforma paisagens em alimentos, como alimentos em paisagens, envolvendo a digestão (em todos os sentidos) do trabalho em sua proposta. Entre os Sucos e a Paisagem estão os humanos, divididos entre estágios de pesquisa, produção e fruição do trabalho, situados entre relações ecológicas dos locais investigados. O reconhecimento da agência dos elementos não humanos, no trabalho do artista, faz com que notemos as diversas associações formadas em rede, desde a pesquisa ao consumo do suco, como produto final. Essas associações provocam experiências educativas comprometidas com o *fazer com*. A relação espontânea, e interobjetiva, das plantas com o meio ambiente se torna a principal substância da experiência do trabalho, a ser traduzida para a subjetividade através dos sucos.

Restauro

A agropecuária moderna é a atividade humana que mais impacta e transforma o planeta, ao comprometer a biodiversidade, compactar o solo, poluir rios e desmatar florestas. O projeto **Restauro** (2016) levanta questões acerca da construção dos hábitos alimentares e sua relação com o ambiente, a paisagem, o clima e a vida na terra. A obra opera como um restaurante, em parceria com Vitor Braz, cujo cardápio, elaborado com a nutricionista e chefe Neka Menna Barreto e a Escola Como Como de Ecogastronomia, em São Paulo, prioriza a diversidade do reino vegetal de origem agroflorestal. Esse espaço de alimentação propõe uma experiência de metabolização e digestão, tanto física quanto mental. Sua ambientação, realizada em parceria com O Grupo Inteiro, partiu da ideia de microclimas. Os áudios ligados à obra foram feitos por Marcelo Wasem, sobretudo em agroflorestas, onde é possível perceber um outro momento da vida dos alimentos que chegam até nós. **Restauro** propõe um despertar para os usos da terra e as consequências globais de nossas escolhas. Entendendo o nosso sistema digestivo como ferramenta escultórica, os comensais tornam-se participantes de uma escultura ambiental em curso, na qual o ato de se alimentar regenera e modela a paisagem em que vivemos. (32Bienal, c2016)

Fig. 5 Jorgge Menna Barreto, *Restauro*, 2016



Fonte: Site do artista

Fig. 6 Jorgge Menna Barreto, *Restauro*, 2016



Fonte: Site do artista

Em sua participação na 32ª Bienal de São Paulo, Jorgge Menna Barreto apresentou o projeto *Restauro* (2016), assumindo o restaurante da Bienal. Conectando agroflorestas da região diretamente com o pavilhão da Bienal, o artista articulou um sistema sustentável de produção e consumo de alimentos com a colaboração de diversos profissionais, responsáveis pela colheita dos alimentos, elaboração do cardápio, preparo dos pratos, administração do restaurante, arquitetura e mobiliário, colaboração artística e um grupo de mediadores específico. O cardápio do restaurante era determinado pela produção agroflorestal que os produtores entregavam, à base de plantas, sendo sempre variado e imprevisível, permitindo que a colheita dos alimentos respeitasse as especificidades produtivas sazonais. Por não haver objetivo de lucro, os pratos puderam ser vendidos a preços baixos, entre as opções de 12 e 15 reais (“preço justo” e “preço solidário”, como constava no cardápio) pelo prato comum, conforme opção dos visitantes, com uma proposta excepcional de acessibilidade ao restaurante.

O nome do trabalho, segundo o artista, parte do interesse etimológico pela palavra e conecta noções tanto da arte quanto da ecologia: assim como existe o restauro da obra de arte, em termos museológicos, a mesma palavra é usada por agrofloresteiros como sinônimo de regeneração (BARRETO, 2016a). O restaurante na Bienal busca, então, o restauro de nossa energia, como em um restaurante, de nossa conexão com a terra e com nossas próprias escolhas, como resposta à internacionalização do paladar. Desenvolvido logo após os *Sucos Específicos*, o trabalho aprofunda a relação elaborada entre paisagem e alimento, alinhando-se, agora, com a ideia de escultura, como linguagem. Jorgge Menna Barreto, como no trabalho precedente, propõe que o que comemos molda a paisagem, pensando agora nessa grande rede articulada de colaborações, criada em *Restauro*, como uma escultura ambiental. Ele diz que a diferença entre as paisagens de produtos locais e os importados é que as primeiras são florestais e as segundas são paisagens de lavoura (BARRETO, 2016a). O trabalho, nesse sentido, inspiraria a transformação de lavouras em florestas, esculpindo a paisagem.

Junto à Secretaria do Meio Ambiente, foi realizada uma pesquisa de campo responsável por mapear agroflorestas do estado de São Paulo, entre as quais podemos listar o assentamento Sepé Tiarajú - MST, na Região de Ribeirão Preto - SP; o Assentamento Dom Helder - MST, também em Ribeirão Preto - SP; a Fazenda São Luiz, outra vez na Região de Ribeirão Preto - SP; o Assentamento Arda, em Sete Barras - SP; e o COOPAFASB, também em Sete Barras - SP. Nesta empresa, também foram realizadas entrevistas com os produtores

e capturas de paisagens sonoras das florestas para o projeto on-line *Campo Sonoro*, da Bienal, e disponibilizadas em instalações físicas no *Restauro*. Em contraste com a diversidade de sons registrados nas agroflorestas, com barulho de muitos animais e da própria acústica das plantas, foram gravados os sons de algumas monoculturas, onde só havia silêncio. Enquanto a agropecuária é responsável por minar a biodiversidade com ações de grande prejuízo ambiental, essas iniciativas agroecológicas produzem o cultivo familiar e responsável, diversificado e sem adição de agrotóxicos. O projeto começa no contato com esses produtores e no apoio financeiro às suas produções, fomentando a cadeia que sucede o trabalho.

Os alimentos chegavam na Bienal pela entrega dos próprio produtores e eram trabalhados na cozinha pela chef e nutricionista Neka Menna Barreto junto à Escola Como Como de Gastronomia, que preparavam os pratos com balanço nutricional e sem receitas prontas, usando da criatividade para criar comidas fora do senso comum. O artista diz que a proposta do restaurante era de preparar uma comida encantadora: “Diversidade contra a monotonia. Pensar como uma floresta. Pensar a partir da diversidade. Sustentar a vida de muitas espécies. Aceitar a espontaneidade dos alimentos” (BARRETO, 2016b). Eram servidas duas opções de Pratos Feitos a cada dia, entre outras opções. Uma novidade eram os “potes paisagem”, pratos montados em potes de vidro reciclados como uma pequena paisagem, parecida com a de um terrário, como uma amostra da floresta.

Fig. 7 Montagem dos pratos (Pote Paisagem). Restauro, 2016.



Fonte: Site do artista

Fig. 8 Pote Paisagem



Fonte: Site do artista

Para além do restaurante, o trabalho contou com uma programação pública extensa com demonstrações de montagem dos pratos e conversas que giraram em torno da agroecologia, ecogastronomia e discussões sobre a paisagem. Os produtores que entregavam alimentos no pavilhão permaneciam na Bienal, visitavam a exposição e faziam palestras e conversas, como parte da programação, compartilhando experiências e conhecimentos. Pensado como um espaço de mediação, onde os visitantes poderiam *digerir* a experiência da exposição, o restaurante dispunha de interações espontâneas entre os educadores e os visitantes. Eram nas interações espontâneas que os educadores distribuíam árvores frutíferas e frutas locais para o público. Eles também recebiam visitas escolares em que ofereciam degustações mediadas para os estudantes.

O artista aponta um dado de que 70% da nossa alimentação viria de somente cinco plantas enquanto existiriam 25000 espécies comestíveis no planeta (BARRETO, 2016b). Politizar nossa alimentação significa, nesse sentido, politizar nossas escolhas alimentares e nossa posição na cadeia produtiva dos alimentos e de caracterização de nossas paisagens. O *Restauro* proporciona não só uma experiência rica em alimentação e educação alimentar e ecológica, como também põe em prática uma economia de produção sustentável capaz de inspirar perspectivas políticas sobre a agroecologia. De forma comprometida e eficiente o trabalho de Menna Barreto oferece capacidade de resposta ao estabelecido modelo de produção da agricultura intensiva. A experiência educativa de seu projeto atinge o público por uma experiência banal como a de se alimentar, mostrando como podemos transformar nosso corpo e o meio em que vivemos através de escolhas básicas e pessoais do dia-a-dia.

Restauro traz a floresta para dentro da Bienal em uma proposta conceitual e, ao mesmo tempo, muito direta. As múltiplas interações da biodiversidade da floresta se traduzem na cozinha, nas paisagens sonoras captadas e nas transformações possíveis a partir da economia ali criada. A semiótica própria da floresta se apresenta no projeto como um todo, mediada pelas ações educativas e pela comida. Os visitantes aprendem um pouco sobre como a floresta pensa para por em perspectiva seus hábitos alimentares e suas participações na rede de produção e consumo desses alimentos. É um verdadeiro modelo simpoiético que une uma rede fantástica de colaborações cotidianas capaz de envolver todos os visitantes pela simples interação com o trabalho, gerando responsabilidade e comprometimento com a terra.

Fig. 9 Jorgge Menna Barreto, *Restauro*, 2016 (instalação sonora)



Fonte: Site do artista

Fig. 10 J M Barreto. Captura de paisagem sonora para o projeto *Restauro*.



Fonte: Site do artista

Mauvais Alphabet

Numa época em que o convívio com outros humanos se tornou limitado, este projeto de arte propõe uma interação com seres de outras espécies; mais especificamente, ervas daninhas. Essas plantas quase sempre invisíveis e muitas vezes indesejadas estão ao nosso redor, insistindo em estar presentes e complexificar nossos ecossistemas para interagir com insetos, abelhas, fungos, bactérias e nutrir o solo, garantindo que nenhum senso de homogeneidade passe sem ser atacado. As cidades estão terrivelmente centralizadas ao nosso redor, construídas por e para humanos (ou alguns humanos). Algumas espécies domesticadas são permitidas, desde que sejam obedientes e sirvam aos propósitos que lhes atribuímos. Mas as ervas daninhas são desobedientes e especialistas em encontrar rachaduras em nossas superfícies planas, constantemente arruinando nossos sonhos de controle total. Eles vão crescer em jardins domésticos, calçadas e até mesmo estradas. Eles nos lembram que a vontade humana não é decisiva e que a natureza penetra. Isso é uma forma de esperança? Por mais que investamos em um modo de vida monocultural, o mato aparecerá como ruído para alguns, mas como melodia para outros. (BARRETO, c2020b)

Ervas daninhas, em francês, é *mauvaises herbes*, como ervas malditas. Jorgge Menna Barreto explora a resistência dessas plantas sobre os planejamentos urbanos e o controle de jardinagem doméstica, brincando com seu caráter dito maldito por certas pessoas para criar o *Alfabeto Maldito*, em 2019, pela primeira vez. Este trabalho parte de uma colaboração com o artista Joélson Buggilla em uma residência na associação artística Utopiana, quando os dois investigavam as ervas daninhas que cresciam na área urbana de Genebra, na Suíça. Entre Genebra e Paraty (Rio de Janeiro), no Brasil, os dois artistas desenvolveram o trabalho com o estudo de ervas daninhas de cada cidade, explorando as imagens das plantas de forma a criar um alfabeto com elas e uma forma de escrita. No mesmo ano, o *Alfabeto Maldito* foi exposto em Genebra, no *Le Commun*, impresso em tecido, em cianótipo, técnica de fotografia artesanal comum para registro artístico de folhas e outras plantas. (BARRETO, c2020c).

Em 2021, foi realizada outra edição do trabalho, em Liverpool, na Inglaterra. Com estudantes de arte do LJMU - Liverpool John Moores University, Menna Barreto rastreou a presença de plantas não cultivadas na cidade e desenhava, com eles, as que encontravam. O artista diz que “esses desenhos funcionam como testemunhas desses diálogos [interespecies] e se reuniram em um dos espaços expositivos da BlueCoat durante a Bienal de Liverpool em 2021, formando uma comunidade de resistência que homenageia o mundo das plantas espontâneas” (BARRETO, c2020b). O desenho, nessa proposta, cria relações de conhecimento dos humanos com as plantas, fazendo-os reconhecer detalhes de sua anatomia e

traduzir essas informações para imagens gráficas, abstraindo seus contornos, entre outros detalhes, para o que pode ser lido como uma grafia própria, como de um alfabeto.

Nas duas edições do trabalho, as imagens são criadas através de processos artesanais, como forma de registro das plantas encontradas e do próprio encontro em si. Esses registros requerem uma relação pessoal com a forma das plantas e suas informações visuais. É o processo da cianotipia e do desenho que cria o envolvimento interespecies como forma de prática simpoiética e valorização dessas pequenas resistências contra as tentativas de controle da natureza. Jorge Menna Barreto não realiza esses trabalhos sozinho, nem apenas resume a prática a uma determinada ação coletiva. Suas ações tem propostas educativas, como convites para que mais pessoas participem ou se inspirem e se conectem com elas. Uma ação educativa, em 2019, já contava com os desenhos como parte da pesquisa com as ervas daninhas. Com o Joélson Buggilla, foi realizada a oficina *If you haven't drawn, you haven't seen*, que propunha uma caminhada liderada por um botânico para o reconhecimento de plantas silvestres comestíveis e, depois, o desenho dessas plantas, como forma de absorção desse reconhecimento.

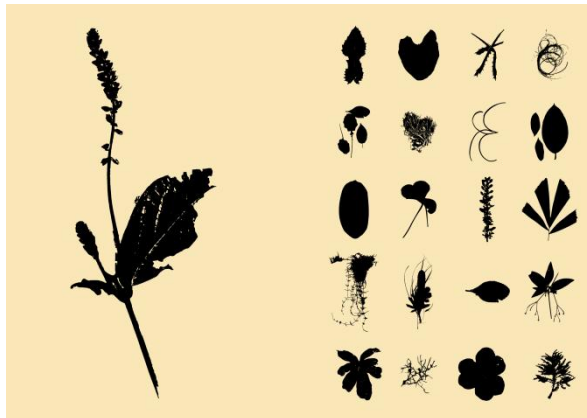
Existe uma troca intersubjetiva no reconhecimento das plantas e de sua importância para o ecossistema, mas as informações guardadas nas anatomias dessas plantas e em suas propriedades diversas são de qualidade interobjetiva. Se notamos nos *Sucos Específicos* e no *Restauro* que os alimentos carregavam informações da floresta, absorvidas pelos visitantes que interagem com os trabalhos, no *Alfabeto Maldito* essas informações são extraídas pelo simples reconhecimento anatômico das ervas daninhas, como que pelo interesse em explorar um texto possível em sua matéria — a própria linguagem da natureza. Reconhece-se que a natureza possui semiótica própria e que a absorção humana dessa linguagem passa por uma tradução, que se dá na alimentação, nos manejos ecológicos, nas simples interações em que há respeito e atenção. Aprender com as plantas é praticar a escuta e a atenção para localizar o que está fora de nossas dimensões subjetivas, onde há tantas realidades e conhecimentos, como os nossos.

Fig. 11 Jorgge Menna Barreto, Mauvais Alphabet, 2019



Fonte: Site do artista

Fig 12 Jorgge Menna Barreto, Mauvais Alphabet, 2019



Fonte: Site do artista

Fig. 13 Jorgge Menna Barreto, Mauvais Alphabet Liverpool, 2021



Fonte: Site do artista

Nós nos relacionamos, conhecemos, pensamos, praticamos ‘worlding’ e contamos histórias através e com outras histórias, mundos, conhecimentos, pensamentos, anseios. O mesmo acontece com todas as outras criaturas da Terra, em toda a nossa diversidade espalhafatosa e especiações e nós que quebram categorias. Outras palavras para isso podem ser materialismo, evolução, ecologia, simpoiese, história, conhecimentos situados, performance cosmológica, science art worldings ou animismo, completas com todas as contaminações e infecções conjuradas por cada um desses termos. (HARAWAY, Donna. 2016. p.97, tradução nossa ³¹)

³¹ “We relate, know, think, world, and tell stories through and with other stories, worlds, knowledges, thinkings, yearnings. So do all the other critters of Terra, in all our bumptious diversity and category-breaking speciations and knottings. Other words for this might be materialism, evolution, ecology, sympoiesis, history, situated knowledges, cosmological performance, science art worldings, or animism, complete with all the contaminations and infections conjured by each of these terms.”

Considerações Finais

Ensaíamos possíveis contribuições para a arte e educação a partir de inquietações a respeito dos termos *Interobjetividade* e *Sympoiesis*, ocorridas através de leituras de autores da chamada Virada Ontológica nas ciências sociais. Rapidamente lembramos da frequência e relevância na área educacional dos termos *Intersubjetividade* e *Autopoiesis*, e procuramos relações entre os conceitos com a desconfiança de que seria possível estabelecer trocas interessantes entre as duas disciplinas. O interesse pela virada ontológica existia pela transdisciplinaridade envolvida na postura crítica ante a modernidade e sua organização do conhecimento em disciplinas separadas, assim pensamos que seria possível e rico o cruzamento das ciências sociais e da educação com a arte (e com tantas outras disciplinas) nesta proposta.

Sob o termo guarda-chuva *Semiótica Material* foi possível unir os interesses conceituais da pesquisa, e com o simples termo “semiótica” criar conexões entre as diferentes disciplinas, pelo fato de a semiótica ser objeto de estudo tanto na arte, quanto na educação, no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo e ao estudo dos signos. A pesquisa foi motivada pela semelhança entre vocábulos dos conceitos aqui abordados e, em seguida, desenvolvida a partir de intersecções entre áreas do conhecimento pelas diferentes aplicações da palavra “semiótica” em cada uma delas. Dessa forma, assumimos as aproximações pela linguagem como uma ferramenta de pesquisa.

Envolvemos discretamente a ideia de tradução, com suas múltiplas definições, no decorrer do trabalho para dar conta justamente dos tantos movimentos que permeiam a linguagem, através dos debates conceituais. Começando pela *Sociologia da Tradução* na teoria ator-rede e desembocando nas traduções abordadas pelo artista Jorge Menna Barreto. Entendemos, pela ANT, que a tradução pode ser sinônimo de associação de elementos heterogêneos, para que consigam se comunicar sobre um lugar comum; e com o trabalho de J M Barreto, uma forma de transcrição sobre o encontro com diferentes experiências e formas de vida, resultando em uma ação criativa que permite nosso intercâmbio semiótico com elementos não humanos. É pela tradução que entendemos ser possível ultrapassar a linguagem e gerar sentido em interações materiais.

A compreensão de múltiplas ontologias coexistindo nos ajuda a entender como a tradução permite que identifiquemos outras realidades. É pela linguagem, mas também pelas próprias interações materiais, simultaneamente, que notamos limites ontológicos entre diferentes elementos. São esses limites que causam, por exemplo, o afastamento entre natureza e cultura, que este trabalho busca reverter. Essa compreensão, que se conceitualiza sob a Semiótica Material, torna-nos aptos a traduzir outras realidades de forma a criar políticas ontológicas: para que determinados estados de coisas sejam favorecidos sobre outros em situações que seja importante destacar questões específicas dos mesmos.

Políticas ontológicas podem servir para que se suspenda, conscientemente, determinadas interações em prol de propostas educativas mais objetivas entre professores e estudantes, por exemplo. Enquanto a autopoiese gera uma revolução epistemológica para tantas áreas do conhecimento e, na educação, estimula valores importantes como a independência e autonomia dos estudantes, a simpoiese não gera o mesmo efeito. No entanto, pudemos apenas deslocar a autopoiese para um conhecimento localizado, entendendo que ela ocorre em certo isolamento de rede, para avaliar contribuições da simpoiese para a educação. O mesmo entre interobjetividade e intersubjetividade. Ambos ocorrem em uma mesma interação, basta saber localizar (e não apenas decidir) o que é mais conveniente para melhor contribuição da proposta educativa em questão.

Seria difícil, através de uma monografia, avaliar com exatidão as contribuições dos conceitos investigados para a educação, de uma forma geral. Felizmente, os modelos simpoiéticos identificados por Donna Haraway consomem o interesse desta pesquisa, pois são projetos artísticos que, através de colaborações, tomam grandes proporções capazes de transformar determinadas vidas e/ou espaços. O que tem tudo a ver com o trabalho de Jorge Menna Barreto, que pôde ser analisado sob essa mesma perspectiva. No que tange a arte e educação, interobjetividade e simpoiese são conceitos capazes de nos situar em propostas transformadoras de realidades, traduzindo conhecimentos e pensamentos de ordens não humanas para nossa realidade material. Mais ainda, as experiências produzidas por esses projetos, munidos de tais conceitos, são necessárias no contexto educativo para um envolvimento real com práticas de responsabilidade e envolvimento com o mundo.

Bibliografia

32BIENAL. **32biental** c2016. Página de artista participante. Disponível em: <<http://www.32biental.org.br/pt/participants/o/2564>> Acesso em: 09 nov. 2021.

ARMANI, C. A História Intelectual e a Virada Ontológica na Antropologia. In: **História Debates e Tendências**. Passo Fundo, v.20, n.1, p.36-52, jan/abr, 2020.

BARRETO, J. **Jorgge Menna Barreto**, c2020a. Disponível em: <<https://jorggemennabarreto.com/trabalhos/sucos-especificos-site-specific-green-smoothies/>> Acesso em: 09 nov. 2021.

_____. **Jorgge Menna Barreto**, c2020b. Disponível em: <<https://jorggemennabarreto.com/trabalhos/mauvais-alphabet-liverpool/>> Acesso em: 09 nov. 2021.

_____. **Jorgge Menna Barreto**, c2020c. Disponível em: <<https://jorggemennabarreto.com/trabalhos/alfabeto-maldito-mauvais-alphabet/>> Acesso em: 09 nov. 2021.

_____. Entrevista concedida ao canal da **Bienal de São Paulo**, no *YouTube*, 29 nov. 2016. Disponível em: <https://youtu.be/IXvj_x0qs7U>. Acesso em: 09 nov 2021.

_____. Jorgge Menna Barreto: lições da floresta. Entrevistador: Márion Strecker. **Select**, 08 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.select.art.br/jorge-menna-barreto-licoes-da-floresta/>>. Acesso em: 09 nov. 2021.

BOHN, M. A intersubjetividade na relação pedagógica: espaço e tempo compartilhados. In: **Educação Unisinos**, vol. 9, núm. 1, janeiro-abril, 2005, pp. 39-48. Universidade do Vale do Rio dos Sinos São Leopoldo, Brasil.

BORGES, M; SCHIELIK, D. Teoria Ator-Rede e Educação: No Rastro de Possíveis Associações. In: **Rev. Triang**. Uberaba - MG: v.11 n.2 p. 175-198 Maio/Ago. 2018.

HARAWAY, D. **Staying with the Trouble**: Making Kin in the Chthulucene. London: Duke University Press, 2016.

HUNTER, V; PALMER, H. —**Worlding**. New Materialism. [S. I.] 2018. Disponível em: <<https://newmaterialism.eu/almanac/w/worlding.html>> Acesso em: 09 nov. 2021.

LATOUR, B. **Reassembling the Social**: An Introduction to Actor-Network-Theory. United States: Oxford University Press Inc., New York, 2005.

LAW, J. **Material Semiotics**. Heterogeneities. United Kingdom: The Open University, versão de 30 de janeiro de 2019. Disponível em: <<http://www.heterogeneities.net/publications/Law2019MaterialSemiotics.pdf>> Acesso em: 09 nov. 2021.

MATURANA, H; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas do entendimento humano. Trad. Jonas Pereira dos Santos — Campinas: Editorial Psy II, 1995.

MOLON, S. Notas Sobre Constituição do Sujeito, Subjetividade e Linguagem. In: **Psicologia em Estudo**. Maringá: v. 16, n. 4, p. 613-622, out./dez. 2011.

ROSSETTO, E. A Contribuição do Pensamento de Maturana Para a Educação. In: **Educere et Educare** – Revista de Educação. ISSN: 1981-4712 (eletrônica) — 1809-5208 (impressa), Vol. 5 – Nº 10 – 2º Semestre de 2010.

TADDEI, R; GAMBOGGI, A L. Educação, Antropologia, Ontologias. In: **Educ. Pesqui.** São Paulo, v. 42, n. 1, p. 27-38, jan./mar. 2016.

TSING, A. **The Mushroom at the End of the World**: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins. New Jersey: Princeton University Press, 2015.